

instituto de arte

krajcberg

contemporânea

HOTEL NACIONAL - BRASÍLIA

VERNISSAGE

TÊRÇA-FEIRA - 11 DE AGÔSTO - ÀS 21,00 HORAS

EXPOSIÇÃO DE 11 A 14 DE AGÔSTO 1970

MEZZANINO

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA POR OSCAR SERAPHICO DE SOUZA

FRANZ KRAJCBERG

FRANZ KRAJCBERG, nasceu na Polônia em 1921, e naturalizou-se brasileiro.

De 1945 a 1947 trabalhou em STUTTGART sob a direção de WILLY BAUMEISTER.

De 1948 a 1952 residiu em São Paulo.

Em 1952 fez cenários para um grupo folclórico brasileiro.

De 1952 a 1956 isolou-se nas florestas brasileiras do Paraná e retorna ao Rio de Janeiro em 1956.

Em 1957 obtém o Primeiro Prêmio na Bienal de São Paulo e o Primeiro Prêmio do Salão de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Em 1958 retorna à Europa e fixa residência em Paris.

Em 1964 obtém o prêmio da Cidade de Veneza e da Bienal de Veneza.

Principais exposições individuais

- 1951: GALERIA DOMUS, SÃO PAULO
- 1952: MUSEU DE ARTE MODERNA, SÃO PAULO
- 1956: MUSEU DE ARTE MODERNA, SÃO PAULO
- 1960: GALERIA "20ème SIÈCLE", PARIS.
- 1962: GALERIA DEL NAVIGLIO, MILÃO
- 1964: GALERIA LA HUNE, PARIS
- 1965: MUSEU DE ARTE MODERNA DE B. HORIZONTE
- 1965: MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO DE JANEIRO
- 1966: GALERIA "J", PARIS
- 1968: GALERIA MAYVALD, PARIS
- 1968: GALERIA BARCINSKY, RIO DE JANEIRO

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- 1951, 1953, 1955, 1957, 1961, 1963, 1965, Bienal de São Paulo
- 1961, 1965, 1968, Salon Comparaisons — Paris
- 1962: Nova Arte do Brasil, Walker Art Center, Minneapolis
- 1962, 1965: Artistas da América Latina - Museu de Arte Moderna - Paris
- 1964: Bienal de Veneza
- 1968: Salão da Jovem Escultura, Paris
- 1968: "Arte Viva de 1965 à 1968", Fundação Maeght, S. Paulo de Vence
- 1968: Salão de Maio, Paris
- 1969: Arte e Matérias, Montreal

FRANZ KRAJCBERG

A vida de KRAJCBERG — ou melhor, seu primeiro capítulo — se desenrola como um romance, um romance negro, desde cedo estigmatizado pela guerra, cujas páginas demorarão a serem banhadas pelos primeiros raios de luz. Estudos de engenharia até 1939, depois o exército polonês, o exército vermelho, a libertação, um nôvo aprendizado no atelier de BAUMEISTER em STUTTGART, a miséria na PARIS de 1947, a emigração para o BRASIL, o trabalho esgotante nas florestas do interior do país, a sobrevivência tenaz numa luta quotidiana entrecortada de raras visitas às cidades. . . Finalmente, em 1957, a primeira recompensa a todos êsses esforços: O GRANDE PRÊMIO NACIONAL DE PINTURA DA BIENAL DE SÃO PAULO, o que possibilita o retôrno à EUROPA e marca a segunda fase de sua carreira. Segunda fase que se articula em uma série de evidências perfeitamente aceitas e que traça o inflexível caminho de uma sensibilidade centralizada na pesquisa de um acôrdo imediato e profundo com natureza, de um arraizamento telúrico. Sua técnica, antes representativa, torna-se apropriativa. A história dos últimos oito ou nove anos da vida de KRAJCBERG, é a de passagem da pintura expressionista aos relevos e às combustões do papel "gaufre", de gravuras à estampa direta e, enfim, do relêvo de terras ou pedras à escultura-objeto.

Tôda esta evolução, está implícito, operou-se sob o signo da mais rigorosa necessidade lógica. FRANZ KRAJCBERG, sempre foi um pintor naturalista, mas o naturalismo neste polonês do Brasil é muito mais do que uma simples tomada de posição representativa — é, ao mesmo tempo, uma ética e uma higiene da visão, uma forma individual de participação cósmica.

Esta exigência fundamental de participação levou o artista a abandonar a linguagem pictórica de transposição da natureza e a substituí-la pelos têrmos de uma aproximação realista cada vez mais imediata e objetiva. Em contra-posição à série expressionista de "florestas" e de "árvores" (1956 — 1957), os relevos de papéis "gaufres" já mostram mais realisticamente as fendas do solo e saliências das crateras argilosas. Daí a colagem direta de terras e de pedras selecionadas na natureza, havia entretanto um obstáculo a ultrapassar. A distância entre as duas operações é grande, embora se inscreva na continuidade linear de uma mesma perspectiva: A barreira, a persistência dos preconceitos de expressão herdados de uma cultura estética tradicional.

KRAJCBERG, resolveu o problema a partir de 1962, retornando à fonte, ou seja, voltando à natureza.

Êle foi colher em IBIZA a matéria-prima dos seus relevos com o material da própria natureza. Paralelamente êle aperfeiçoa um notável processo de impressão direta sôbre papel japonês, graças ao qual êle obteve gravuras em alto relêvo que reproduzem fielmente os contornos de uma casca ou de um tronco de árvore e ainda, a topografia de um solo.

Tendo assim dominado a sua linguagem realística, KRAJCBERG, daria liberdade à expansão de sua sensibilidade. Êle estava maduro para voltar então ao Brasil, para um nôvo encontro, mais íntimo e mais profundo, com a rica natureza dêste país. De outubro de 1964 a novembro de 1965 — KRAJCBERG passou um pouco mais de um ano no Brasil e eu testemunhei sua instalação e sua partida. A riqueza geológica a que cresce a luxuriante harmonia da vegetação e a medida barroca da presença humana o levaram a escolher o velho Estado mineiro (MINAS GERAIS) como terra de eleição. Foi lá, a quinhentos quilômetros do Rio de Janeiro e a dois passos de Ouro Preto, antiga sede da capitania portuguesa, Eldorado do século XVIII, que o artista escolheu para seu atelier-acampamento: Ao ar livre, nas fendas de um imenso rochedo, nas cercanias de uma mina, na intersecção de diversas zonas minerais extratificadas.

As obras que o autor trouxe consigo são o fruto desta simbiose psico-sensorial, desta completa integração em um contexto natural preciso. Cancruos de árvores tropicais, suas hastes lanhadas, descorticadas e misteriosas corolas; iripções de raízes ou de cascas como que surpreendidas por um brusco estancar de seiva: esta realidade que torna emprestado suas mais suntuosas côres; ocre púrpura e carmim — aos pigmentos brutos da terra, esta realidade ultrapassa certamente tôdas as ficções.

Os objetos-testemunhos da grande aventura naturalista nos abrem as portas dêsse domínio poético, onde a estética é vulgarizada, onde a natureza se faz artista. Mas êstes tesouros, preciosas obras-primas da alquimia extra-temporal, das plantas e das pedras devem ser conquistados. Êles exigem de seus inventores o halo do amor e a pureza do olhar. O amor da natureza brasileira fêz de FRANZ KRAJCBERG um dos cavalheiros dêste graal. Nunca tivera a tal ponto sentido a perturbadora verdade do célebre axioma de André Malraux: A arte é um anti-destino.

PIERRE RESTANY
PARIS — FRANCE